

Episódios da guerra

A natureza selvagem dos bandidos

História de uma vítima dos laçios de Pretória, contada na primeira pessoa

por Bonga Khombo (texto) e Joseph Jack (fotos)

Todo o lado por onde a mão assassina dos escroques de Pretória passa, acontecem destruições, assassínios a sangue frio, mutilações, desagregação forçada de lares solidamente constituídos com amor, carinho e compreensão, com a morte bárbara de um dos cônjuges, se não de ambos, deixando órfãos ou, na melhor das hipóteses, com raptos de uma família inteira e posterior assassinio de parte dos seus constituintes, ou ainda com a degradação moral do senso do que é a honra mais sublime duma família em qualquer sociedade dos nossos tempos. Como exemplo deste último factor, basta dizer que na última investida assassina do inimigo contra a sede do distrito de Caniçado, a belíssima vila do Guijá, uma família constituída por marido e mulher e seus dois filhos, dos seus 16 e 18 anos, respectivamente um rapaz e uma menina, foi ultrajada de modo a não poder esquecer o que se passou, mesmo que venha a viver por mais de um século. Vejamos o que aconteceu: Na sua retirada, os bandidos raptaram aquela família. Na primeira paragem pelo caminho, depois de jantarem a carne de um bovino roubado no Guijá, o chefe dos assassínios mandou chamar a filha daquela família e selvaticamente violou-a perante os olhares impotentes de seus pais e irmão. Como se isso não fosse suficientes, quando a caravana lúgubre de bandidos e raptados chegou a um acampamento secundário dos bandoleiros, foi a vez de obrigar o casal a declarar perante a turba dos bandidos e de vários populares raptados, que «a partir de agora já não somos marido e mulher». Depois disto, os cabecilhas dos bandidos armados obrigaram a senhora a escolher dentre os sanguinários o seu «novo marido». Tinha de escolher o seu «novo marido», sob pena de ser ali mesmo, em caso de recusa, baleada ou retalhada à baioneta até à morte. Após a senhora escolher o seu par, coube então a vez do marido fazer o mesmo, com a diferença de que o par deste tinha de ser do mesmo sexo. Feitas as «apresentações» dos novos «casais», foi a vez de comunicar ao «ex-marido» da senhora o que devia fazer durante uma semana para demonstrar que, de facto, tinha dissolvido «de livre vontade» o casamento com a mãe de seus dois filhos. Durante uma semana, com efeito, o chefe daquela família ultrajada teve de preparar a cama onde sua amada-esposa tinha de ser à força possuída por um bandido armado. Ai dele se se esquecesse, após preparar o leito, de se dirigir para junto do ultrajador de sua esposa, com todo o respeito, anunciar: «A cama está preparada, podem ir descansar». São episódios como estes, relatados na primeira pessoa que trazemos hoje para os nossos leitores. São episódios que, para quem lê, podem parecer ficção, mas que para a grande maioria dos moçambicanos constituem a realidade nua e crua do seu dia-a-dia, desde que o regime hediondo do «apartheid» decidiu concentrar as suas potencialidades para impedir o progresso, paz e bem-estar do povo deste país. Dividimos este trabalho em partes, pois, apesar de ser uma exposição longa, merece ser relatada, para que o mundo conheça a verdadeira face do banditismo armado com que lutamos.

MATARAM-LHE DOIS FILHOS E UM NETO

A primeira figura que vamos apresentar é uma senhora idosa, dos seus 58 anos, casada, membro da OMM no 2.º Bairro da vila do Guijá.

Esteve à beira da morte mas, felizmente, após os bandidos a balearem no pescoço e abdómen e considerarem-na morta, conseguiu sobrevi-

ver e veio a ser descoberta por transeuntes casuais, após 30 horas de agonia. Foi levada para o Hospital Rural do Chókwè, onde a nossa Reportagem teve a possibilidade de a entrevistar, uma semana antes de receber alta.

Escapou da morte por um mero acaso, pois a bala que a alvejou primeiro, no pescoço, atingiu-a de raspão e a segunda, que lhe perfurou o

abdómen e saiu pelas costas, felizmente não danificou nenhum órgão interno vital. Também porque teve ainda consciência de utilizar o parco vestuário que os bandidos tiveram a «bondade» de lhe deixar para estancar o sangue que jorrava pelos três ferimentos. Assim, não perdeu muito sangue, apesar do tempo que ficou aguardando socorro.



Entretanto, vejamos o que ela nos diz, pessoalmente:

«Chamo-me Dina João Changuane. Tenho 58 anos e sou casada.

Antes do ataque dos bandidos tinha nove filhos. Presentemente fiquei apenas com sete. Mataram a minha filha de nome Cecilia, que já era casada e mãe de três filhos, juntamente com um dos seus três filhos, e inutilizaram os órgãos sexuais do segundo, de nome Arlindo, que estava no colo da Cecilia quando a assassinaram.

O meu segundo filho — não segundo em nascimento, mas em tragédia — que contava 15 anos e que tinha passado da sétima para oitava classe, não sei se também foi morto ou simplesmente raptado, pois até aqui o seu corpo ainda não foi descoberto.

Por isso, posso dizer que nesta tragédia, onde eu própria cheguei a estar à beira da morte, perdi, no conjunto três entes queridos, entre os quais dois filhos e um neto, tendo ficado apenas com sete filhos e dois netos da minha primeira filha, um dos quais marcado para o resto da sua vida.»

Se disse: "não se espante,

COMO TUDO COMEÇOU

«Sou uma mulher como outras, e como tal desde há muito que vinha vivendo sossegadamente com meu marido e meus filhos, trabalhando na machamba e nas tardes vendendo no mercado local, onde tenho uma banca.

Como moçambicana, quando em 1976 fui escolhida na assembleia das mulheres do 2.º Bairro (onde tinha a minha casa, agora totalmente destruída pelos bandidos) para fazer parte da OMM, aceitei e passei a desempenhar as funções de responsável dos Assuntos Sociais na estrutura local daquela organização democrática de massas.

Na madrugada daquele dia 23 de Janeiro, um sábado, fui acordada quando me encontrava a descansar sossegadamente, com o barulho de apitos, canções e palavras obscenas, seguidos de disparos.

Logo compreendi que qualquer coisa de anormal estava a acontecer. Saltei da cama e a minha primeira preocupação foi ver nos quartos de meus filhos se eles já se tinham apercebido do que estava a acontecer.

Esse tempo que perdi foi fatal. Depois de verificar que todos os meus filhos já tinham acordado e inclusivamente saído de casa para

procurar abrigo fora, quando eu própria tentei procurar lugar seguro onde me pudesse abrigar das balas que vinham de todos os lados, as pernas não agüenteram o meu corpo.

Assim, caí por mais de duas vezes e na terceira, quando tentava reerguer-me, fui agarrada por um dos bandidos e levada para o jardim da vila, onde se encontrava o chefe dos assassinos.

Qual não foi o meu espanto quando vi quem era o tal chefe dos bandidos. É que não era outro senão o Matusse Mungueni, homem muito conhecido na zona como curandeiro e pedreiro, que participou na construção de inúmeras das habitações do Guijá.

UM «CHEFE» CONHECIDO

«Imaginem que chorámos muito a sorte deste homem, quando soubemos que, após o ataque de 30 de Outubro de 1987, Matusse havia sido raptado pelos bandidos.

Como se ele tivesse lido os meus sentimentos de espanto e incredulidade, Matusse dona Dina, sou eu mesmo, Matusse de carne e osso».

E, dirigindo-se aos outros bandidos armados, acrescentou: «agora oiçam, vocês, polícias. Esta senhora é a minha mulher. A partir de agora têm de vigiá-la muito bem. Não quero que lhe aconteça nada. Ouviram?».

«Os outros anuíram, acenando as cabeças em sinal de concordância.

A partir daquele momento passei a merecer a maior atenção dos bandidos denominados de polícias e que tinham como missão principal, vigiar todas as pessoas que, como eu, não tinham podido fugir.

Das quatro horas e meia, ocasião em que fiquei em poder dos bandoleiros, assisti, horrorizada, a todas as selvagens a que os bandidos se entregaram.

Vi a destruição de quase todos os edifícios que faziam do Guijá a vila mais bonita, embora pequena, desta província.

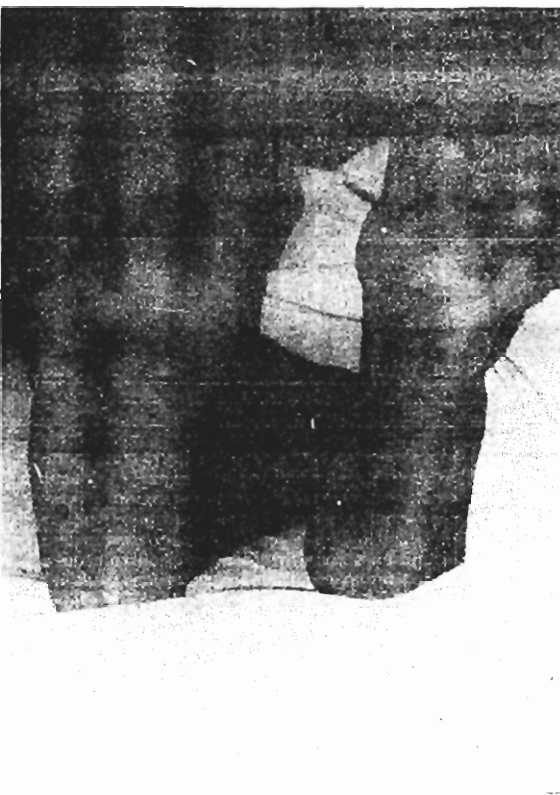
Assisti à matança, a sangue frio, de muitos velhos, mulheres e crianças que tentavam fugir das balas para diversas direcções.»

A MARCHA

«Quando, à tardinha, apa-receu o primeiro helicóptero



(Foto do Arquivo)



Foi assim que ficaram os pés de Mamã Dina, depois de percorrer mais de 45 quilómetros a pé

das nossas Forças Armadas e os bandidos começaram a sentir-se inseguros, distribuíram pelos diversos raptados sacos cheios de produtos variados que haviam saqueado nas lojas arrombadas.

A mim, como «mulher» do chefe Matusse, coube um saco com peso aproximado de 40 quilos de açúcar, uma caixa cheia de sabonetes e ainda uma quantidade considerável de pão e foi-nos dada ordem de avançar em direcção ao norte, para os lados de Tomanine.

Nessa ocasião, o tal Matusse encontrava-se a chefiar o grupo dos chamados polícias que tinham de tomar a dianteira levando consigo os produtos do saque e nós, raptadas. E para demonstrar o seu poder no seio da outra turba dos bandoleiros, Matusse ia zia-se transportar por uma carroça puxada por um burro e que ainda estava repleta de sacos.»

ASSASSINATOS

«Tínhamos caminhado já cerca de oito quilómetros, ou

der caminhar mais e lancou para o chão os fardos que trazia na cabeça.

De novo, a mesma ordem. E novamente a mesma pronta resposta de baioneta, pondo-se mais uma vez termo à vida de mais aquele ser humano inocente.

Depois desta terceira vítima, somente caminhámos talvez mais uns 500 metros e as poucas forças que ainda me tinham aquecido mílagrosamente até ali abandonaram-me.»

COMO TUDO ACABOU

«Já sabia qual seria a minha sorte, mas, como se costuma dizer, mesmo em ocasiões como aquelas, ainda acreditei num possível milagre.

Como o Matusse se encontrasse um pouco mais à frente na sua carroça, um dos bandidos que me viu caída, gritou para o seu chefe nos seguintes termos:

«Mais uma velha gorda, chefe, a precisar de descanso eterno. Que fazemos? Aplicamos o mesmo tratamento?»

Antes da ordem do Matusse para acabarem comigo foi a vez doutro bandoleiro replicar que pensava que me deviam transportar para uma carroça, pois o «chefe Matusse disse que esta senhora é sua mulher.»

Estava ainda a sentir estas palavras a vibrarem nos meus ouvidos quando toda arrepiada, com cabelo ericado de horror, ouvi o Matusse replicar o seguinte:

«Eu não tenho nenhuma mulher de nádegas grandes,

que come pão, bite, arroz e bebe vinho com os chefes do Partido. Nada, essa não é minha mulher. Metam aqui a bagagem que ela traz e acabem com ela.»

Depois destas palavras, fiz um esforço para me levantar. Quando ainda estava agachada, tentando ficar na posição vertical senti uma queimadura do lado esquerdo do pescoço e, ainda em desequilíbrio, mais uma coisa quente entrou-me pela barriga e saiu pelas costas e assim caí e perdi o conhecimento.»

Mais tarde, diz ela ter recordado o conhecimento e sentiu que estava a perder muito sangue e assim tentou estancar o sangue que jorrava abundantemente dos ferimentos provocados pela bala que entrou pela barriga e saiu pelas costas, utilizando para isso um pedaço da combinação única peça de vestuário que trazia no corpo.

Foi assim, ferida, que passou a noite de sábado, dia 23 de Janeiro, para ser descoberta quando já eram 13 horas de domingo.

Avisados os familiares, que já não contavam com ela viva, arranjaram transporte e foi recolhida para o Hospital Rural de Chókwe, onde esteve internada 15 dias.

Aquando da visita ao Guijá para viver de perto a tragédia que se abateu sobre aquela região, a Embaixadora dos Estados Unidos da América, em Moçambique, Sr.^a Melissa Wells, teve ocasião de conversar com Mamã Dina, nome pelo qual é mais conhecida no Guijá aquela sobrevivente.



Esá marcado para o resto da sua vida: inutilizaram os seus órgãos sexuais